

IMAGENS E AUTO-IMAGENS: UMA ANÁLISE SOBRE AS RERESENTAÇÕES DA PROFISSÃO DOCENTE¹.

NOGARO, Arnaldo².

DALL' AGNOL, Aline³.

Resumo

Este artigo é o resultado de um esforço, a quatro mãos, para sistematizar e trazer a público o resultado de um projeto de pesquisa cujo objetivo foi investigar as imagens/auto-imagens e representações sobre a profissão docente existentes junto a alunos e professores das escolas de formação (Escola Normal e Curso de Pedagogia). O resultado desta busca é aqui apresentado na forma de categorias gerais sobre as quais nos debruçamos procurando entendê-las e problematizá-las à luz de outras produções teóricas existentes sobre o tema.

Palavras-chave: Imagens – Docência - Representações

Introdução

Este texto traduz o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pelos autores junto a alunos e professores do Curso de Pedagogia (URI-Campus de Erechim) e do Curso Normal (E. Estadual José Bonifácio – Erechim/RS e Colégio Santa Clara – Getúlio Vargas/RS) cujo objetivo foi investigar⁴ a respeito das imagens e representações criadas por estes a respeito da profissão docente. Para isso diagnosticamos quais as representações que professores e alunos, dos cursos de formação de professores possuem sobre o ser professor. Também analisamos como professores e alunos atribuem significado e aprendem a partir de suas vivências em sala de aula e de suas experiências diárias e investigamos como a questão do profissionalismo está vinculada às representações docentes e a outros aspectos como classe, gênero, bem como, verificamos a relação escola de formação X constituição da imagem e auto-imagem do professor; procuramos resgatar o saber que emerge do processo de formação/auto-formação dos professores e alunos nas suas experiências pedagógicas e nas suas histórias de vida.

¹ Este artigo foi publicado na revista *Perspectiva*, v. 27, nº 99, setembro de 2003.

² Professor da URI – Campus de Erechim. Doutor em Educação/UFRGS.

³ Aluna do Curso de Pedagogia, turma 2001. Bolsista de iniciação científica PIIC- URI.

⁴ Para a coleta de dados nos utilizamos entrevistas semi-estruturadas com as professoras e alunas do primeiro e último semestre do Curso de Pedagogia e alunas e professores do primeiro e terceiro ano do Curso Normal.

Nosso trabalho está estruturado a partir das categorias criadas para análise dos dados da pesquisa. Elaboramos categorias fundamentais, básicas sobre as quais pudéssemos centrar nossa análise e reunir os dados de forma a cumprirmos os objetivos que nos propomos no início da pesquisa. Começamos pela busca das razões e motivos das pessoas optarem pela profissão de professor. Um segundo aspecto faz referência ao trabalho docente enquanto vocação ou profissão; estes termos têm sido usados sem uma precisão conceitual mais profunda o que tem dificultado a compreensão do seu sentido e de seu uso. As imagens e auto-imagens da profissão docente aparecem como sinalizadores dos sentidos das práticas e teorias sobre o fazer do professor. Constituem-se em elementos que permitem olharmos o professor e seu que fazer cotidiano, pois são construídas nas relações que são estabelecidas em sua prática social e no exercício de ensinar e aprender. A quarta categoria faz alusão aos problemas mais frequentes enfrentados pela categoria profissional dos professores; dificuldades e percalços que se colocam como obstáculos ao ser docente. No item que trata da formação recebida e os ganhos que a docência permite acumular trazemos apontamentos sobre os conhecimentos e saberes que passam a fazer parte das vivências incorporadas pelo professor como resultado de seu trabalho. E por último procuramos mostrar a relação do professor com a comunidade no sentido de que sua prática é coletiva e contextualizada, constituindo-se em sinal significativo enquanto exemplaridade ética.

Escolha do magistério

Estamos inseridos em uma sociedade de classes, constituída por um profundo processo de desigualdade. Dependendo da posição que ocupamos nela, temos diferentes oportunidades e as opções de escolha passam a variar de acordo com a condição sócio-econômica-cultural em que nos encontramos.

A profissão que a pessoa vai desempenhar está muito relacionada às escolhas que faz e à condição que possui. O magistério não foge à regra e torna-se, muitas vezes, a única opção para as filhas da classe trabalhadora; estas são jovens que precisam ajudar financeiramente suas famílias após passarem por um curto período de formação. Permanecer o menor tempo possível no processo de formação e assim que possível encontrar um trabalho para contribuir com o orçamento familiar se constitui no desejo de muitos dos candidatos que fazem do magistério sua opção. Está presente nesta “escolha” pelo magistério uma necessidade real de sobrevivência, como também idéias

repletas de ideologia, entre as quais está a de que o magistério é para mulheres trabalhadoras, e, que é necessário apenas um pouco de amor e ser capaz de transmitir alguns conteúdos para ser professora, o que não deixam de ser imagens construídas socialmente.

A partir da escolha, estes jovens vão procurar se identificar com o magistério. Encontram dificuldades, pois não conseguem deixar claro para si mesmos os conceitos e lembranças sobre o ser professor, gera-se confusão e tensão em função de não terem precisão e objetividade a respeito dos motivos de sua escolha. “Nesses mecanismos de escolha-rejeição vão se criando imagens muito confusas do magistério [...]” (ARROYO, 2000, p.129). Essa escolha-rejeição, por ser feita sem clareza e convicção sobre o que escolhemos e porquê o fazemos, gera uma construção de imagens distorcidas da realidade.

Grande parte dos profissionais escolheu a profissão docente influenciados por lembranças do que viveram quando crianças no contexto escolar, não a respeito do conteúdo que lhes era apresentado, mas com relação à forma como o professor tratava as crianças. A escolha pela profissão de professor está muito relacionada com o percurso individual de cada ser, uns escolhem por falta de outras opções, outros por vocação, outros para sanar dificuldades financeiras. A imagem confusa absorvida socialmente e transmitida para as pessoas, a respeito do professor, de certa forma, impossibilita que o indivíduo escolha conscientemente esta profissão.

Segundo os dados coletados nas entrevistas, são várias as razões ou motivos que levaram as pessoas ao magistério, como podemos conferir a seguir.

INFLUÊNCIA NA ESCOLHA DO MAGISTÉRIO⁵

Alunas do Curso Normal

- 1- Influência familiar
- 2-Lembrança dos primeiros professores
- 3-Gostar de crianças
- 4-Influência de colegas e amigas
- 5-A única opção do momento

⁵ As respostas estão ordenadas em ordem decrescente de acordo com a maior incidência até a menor.

Alunas do Curso de Pedagogia

- 1-A única opção do momento
- 2-Influência familiar
- 3-Gostar de crianças
- 4-Lembrança dos primeiros professores

Professores que atuam no Curso de Pedagogia

- 1-Influência familiar
- 2-A única opção daquele momento
- 3-Gostar de crianças
- 4-Influência dos professores

Percebemos que a família é o fator de maior influência na escolha das pessoas pela profissão de professor. Chama-nos atenção que para as alunas do curso de pedagogia o magistério foi a única opção possível no momento, isto demonstra o desejo de fazer um outro curso não disponível na dada situação ou que sua condição não lhe permitia sair dessa possibilidade. Está também presente nas falas de várias entrevistadas a importância dos primeiros professores ou de algum professor que tenha lhe marcado positivamente, possivelmente essa boa lembrança seja um fator identificador com a profissão; o gostar de crianças também foi um elemento que pesou na decisão e apresentado nas respostas.

As respostas evidenciam o que a professora D afirmou: “É interessante que as nossas escolhas, a gente faz, sobretudo, a partir das relações com os outros, é na relação com uma outra professora que eu fiz minha opção.” Acreditamos que fica fácil percebermos o quanto as nossas decisões são influenciadas pelas relações que temos com as pessoas. As nossas opções resultam quase sempre de relações que tivemos ou estamos tendo com os outros e com o meio.

Algumas pesquisas nos dizem (e podemos tentar isso conosco mesmos) que os professores que nos marcaram para o resto de nossas vidas, além de serem competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que incentivaram a pesquisa; abriram nossas cabeças para outros campos, outras ciências, outras visões de mundo; nos ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores da imaginação; manifestaram respeito aos alunos, interesse e preocupação por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orientá-los em decisões profissionais; demonstraram honestidade intelectual, coerência entre o discurso de aula e sua ação, amizade; enfim, aspectos marcantes relacionados à convivência humana em sala de aula. (MASETTO, 2003, p. 76/77).

A influência familiar normalmente se dá pela mãe, ela deseja e, algumas vezes obriga, a filha a entrar para o magistério, isso porque a mãe, a família e a própria pessoa estão impregnadas de uma cultura dominante que apresenta representações alienantes. Estas surgem, muitas vezes, da diferença cultural e econômica entre a posição que a família ocupa cultural e socialmente e a posição que a aluna vai alcançar com o exercício do magistério; o magistério poderá lhe possibilitar uma condição social e econômica superior à que possuía no seio familiar.

Dependendo da prática aplicada pelo professor o aluno cria diferentes imagens sobre várias coisas, inclusive sobre o professor. Em uma prática repressora, o aluno pode perceber que é o professor o único que sabe, que fala, que dita as normas, que é ativo, que é o diferente, enquanto os alunos, são passivos, não falam, não sabem nada, representam a homogeneidade e apenas fazem o que o professor quer. Sentindo-se oprimido o aluno pode desejar, em alguns casos, tornar-se repressor, ou seja, reproduzir o comportamento observado no professor. O aluno pode também, ao indignar-se com a prática do professor, desejar ser professor para conseguir ter uma prática diferente, humanizadora e libertadora, mas isto demanda a construção de uma consciência crítica, por parte do aluno, para que ele veja a possibilidade de tornar-se alguém diferente que auxilia e liberta. Esses aspectos que muitas vezes não são conscientes e podem obscurecer e colocar muitas dúvidas e indefinições quando da escolha pela profissão docente. A escolha, na realidade, acaba se consolidando em meio a uma ausência de objetivos claros e sem razões consistentes das implicações que isto implica e do compromisso que ela assume.

Profissão ou vocação?

O que podemos perceber quanto a vocação é que seu conceito é, muitas vezes, obscuro e até mesmo usado com muitos sentidos, sem uma preocupação de precisão conceitual por parte de quem o utiliza. Há muita confusão sobre esse termo, talvez assim o seja por ele ter sido utilizado tradicionalmente em grande escala pela igreja como “um chamado de Deus”, como uma predestinação. A palavra vocação vem do latim *vocare*, que significa chamar, portanto os chamados são os que ouviram a voz, o convite do Senhor para segui-lo, para colaborar na construção, no projeto de Deus, como escolhidos para doarem suas vidas ao serviço do reino.

Esta visão, muito próxima do sacerdócio, tem sido associada ao ser e ao fazer do professor. Profissão e vocação têm sido apresentadas como sinônimos, aspectos relacionados à vida do professor sem uma precisão maior do que cada conceito realmente significa, de suas reais implicações. Diante da necessidade de esclarecer melhor estes significados fomos revisitar autores e obras para nos auxiliar nesta tarefa.

Para Abbagnano (2000, p. 1007), a “[...] vocação é hoje um conceito pedagógico e significa propensão para qualquer ocupação, profissão ou atividade, para a qual pode ser ou não apto.” Já Lalande (1999, p. 1224) diz que “[...] de um mau compositor que teima em compor, poder-se-ia dizer que tem paixão, mas não a vocação de escrever obras musicais.” Desta forma, para Abbagnano (2000), vocação é a atração por uma atividade independe de ser apto, é algo subjetivo, enquanto que para Lalande (1999), a pessoa pode ter paixão por algo que deseja fazer, mas se não tiver êxito é porque não tem vocação para aquela atividade, ou seja, se a pessoa tiver vocação ela será apta para tal atividade.

Nas falas das alunas e professoras dos cursos de formação não dá para percebermos de forma clara o que elas pensam sobre a “vocação”. A professora A disse que ser “[...] professor ou escolher uma profissão não é só uma questão de vocação. Acho que a gente tem que gostar daquilo que faz. Se isso se aproxima do termo vocação tudo bem, não que seja um Dom, uma dádiva ou algo assim”. A aluna D disse que para “[...] ser professor tem que ter vocação. Quando tu te dispões a ser professora, principalmente se for de crianças, tudo que a professora diz é lei. Acho que tem que ter uma boa formação para poder passar bem o que tu quer ensinar para as crianças.”

Segundo Arroyo (2000, p. 33): “Vocação, profissão nos situam em campos semânticos tão próximos das representações sociais em que foram configurados culturalmente.” O autor nos diz que a vocação, hoje, tem menos ênfase, vem cedendo lugar para a profissão, no entanto, a profissão contém em si a idéia de vocação. “Se não aceitamos ser vocacionados por Deus para o magistério, não deixamos de repetir que a educação é um dever político do Estado e um direito do cidadão, logo o magistério é um compromisso, uma delegação política.” (ARROYO, 2000, p. 33). Há sempre interesses que moldam um perfil para o professor. “Somos a imagem que nos legaram, socialmente construída e politicamente explorada.” (ARROYO, 2000, p. 35). Ferreira (2000, p. 560), expõe o seguinte conceito de profissão: “Atividade ou ocupação especializada, da qual se podem tirar os meios de subsistência; ofício, mister.”

No Dicionário de Sociologia (1969, p.277) encontramos o seguinte conceito de profissão:

Atividade especializada permanentemente exercida e institucionalizada, dependendo, quanto a funções e status social, do tipo de estratificação social e do grau de divisão do trabalho atingido por uma determinada sociedade. Os padrões específicos da cultura e a posição relativa das diversas camadas que compõem a sociedade determinam as funções atribuídas a cada profissão e o status que ocupa na escala social.

Como podemos perceber, conceitualmente, as diferenças até podem existir, no entanto quando se trata do uso das expressões no cotidiano não são percebidas com clareza, pois os conceitos são usados, muitas vezes, como sinônimos e com o mesmo sentido.

O que enfatizamos é que não devemos limitar a profissão docente a um perfil estritamente relacionado à vocação, há outros interventores no exercício da docência. Cada ser humano tem suas próprias características, seus valores que devem ser respeitados, mas o fazer enquanto categoria tem um peso inegável que influencia no que cada membro do grupo pensa, como age e como atua no interior da profissão. As diferenças devem ser respeitadas, mas o fazer profissional acaba por determinar um jeito de ser, uma forma comum de atuar que acaba se sobrepondo aos determinantes da individualidade. Arroyo (2000, p. 36) diz que:

Através desta relação apaixonada de amor e ódio nós aprendemos e aprendemos de formas diferentes, mais nossas de ser e de vivenciar o magistério. Nem tudo o que somos nos pertence. Somos o que resultamos de tudo. Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.

A idéia da profissão deve constituir-se em um ideal a seguir para que ganhos relacionados aos direitos, conquistas trabalhistas, sejam buscados. A idéia de vocação subentende o fazer sem esperar um salário, um ganho econômico, no entanto, enquanto categoria há necessidade de buscarmos os meios de nossa sobrevivência via exercício profissional, por intermédio do trabalho. A crença cega na vocação tem alimentado posturas passivas e de pouco interesse em tais conquistas, uma vez que o ganho, segundo esta concepção, está no servir em si mesmo; e na realização pessoal, individual, por meio de suas obras sem esperar “recompensas” e nossa ação enquanto educadores, como prática coletiva, social, deve primar pelo bem comum como princípio.

Imagens e Auto-imagens

A partir do momento em que as pessoas nascem, começam a observar o que está ao seu redor, o que o mundo lhes mostra, então se inicia a constituição das imagens. As imagens que vão sendo construídas dentro de cada ser humano dependem de como ele vê o mundo, ou seja, da sua forma de sentir, absorver e interpretar o que vê, dos sentidos que cria, estabelece e partilha.

Somos pouco incentivados a pensar sobre tais imagens. As pessoas, normalmente, refletem pouco sobre as imagens que possuem delas mesmas (auto-imagens), dos outros, dos fatos, da vida, pois estas imagens se formam, muitas vezes, sem que elas percebam.

Para aprofundar e ampliar o debate sobre os conceitos de imagem e auto-imagem, recorreremos a alguns autores e obras. Ferreira (2000, p. 373) define imagem como a “1- Representação gráfica, plástica ou fotográfica ou de objeto [...] 3- Estampa [...] 4- Reprodução invertida [...] numa superfície refletora. 5- Representação mental de um objeto, impressão, etc; lembrança, recordação [...]”. Este 5º elemento é o que mais se assemelha com o que está sendo tratado neste texto, porém este não possui a profundidade que gostaríamos que tivesse, por isso recorreremos a outros autores.

Recorrendo a Abbagnano (2000, p. 511) encontramos uma definição mais bem elaborada sobre imagem, segundo ele: “Aristóteles dizia que as imagens são como as próprias coisas sensíveis, somente não tem matéria.” Ainda (Idem, p. 512): “Na filosofia moderna foi retornado por Bacon e Hobbes: para o qual imagem ‘ é ato de sentir e não difere da sensação senão como o fazer se difere do fato’.”

Santos (1966, p. 829) apresenta imagem como a reprodução “[...] das qualidades sensórias que permanecem e podem ser lembradas pela mente do que for percebido pelos sentidos, quando se dá a ausência de estimulação sensória [...]”.

Allport (*apud* SANTOS e BRITTO, 1985, p. 13) traz a idéia de vários autores sobre o assunto. Sinteticamente a auto-imagem é: “[...] a imagem que alguém tem de si mesmo [...] construída de conformidade com as convicções que temos a respeito de nós mesmos.”

Segundo Sartre (1996, p. 15) num primeiro momento, uma pessoa pode descrever um objeto que lhe aparece na consciência como imagem, no entanto, para “[...] determinar os traços próprios da imagem enquanto imagem, é preciso recorrer a um novo ato de consciência: é preciso refletir.” Para detalhar a imagem, faz-se

necessário o processo de reflexão. Percebemos então que o objeto encontra-se inserido em uma imagem, e esta não é superficial, é sim repleta de subjetividade.

Por outro lado Rosa (2001, p. 88) expõe algumas características das imagens, de forma mais simples. Ele diz que: “Imagens, goste-se ou não, nunca são reais. E nunca são falsas. Porque, acima de tudo, imagens são abstrações. Não são concretas.” Defende a idéia de que uma imagem não é verdadeira nem falsa, são apenas imagens. Por exemplo, a imagem que duas pessoas têm de uma cidade, uma que nasceu lá e outra que foi apenas passear na cidade, é diferente, não necessariamente se chegando a um denominador comum sobre as mesmas.

Ainda para Rosa (2001, p. 83), “[...] as imagens estão baseadas não apenas em fatos, mas são condicionadas fortemente por valores.” Desta forma, percebemos que muitas vezes a imagem que criamos de determinada pessoa ou situação sofre uma grande influência dos valores pertencentes a quem constitui a imagem. “[...] os mesmos fatos, vistos a partir de novos valores, podem assumir novo significado.” (Idem, p.84). O mesmo autor deixa claro que a partir de um novo conhecimento que adquirimos, mudamos a imagem que tínhamos anteriormente. Por exemplo, quando os mitos foram criados na Grécia Antiga as pessoas daquela época tinham uma imagem deles, hoje, devido aos conhecimentos adquiridos ao longo da história, as pessoas têm outra imagem dos mitos.

A escola e a mídia influenciam na construção das imagens nas pessoas. Rosa (2001, p. 85) diz que “[...] o ser humano não precisa viver uma realidade para se convencer da imagem a ela associada.” Vemos que os conhecimentos e fatos que a mídia transmite para as pessoas, não são questionados, são aceitos como verdades. Na escola os professores conduzem o processo de aprendizagem, influenciando a construção das imagens, por meio de suas atitudes e dos conhecimentos que transmitem, e também não há questionamento.

As pessoas possuem várias imagens e auto-imagens, no entanto são poucas as que dedicam um tempo para pensar sobre estas imagens. Pois, vivemos em um período da humanidade no qual as pessoas são, de certa forma, pouco incentivadas a pensar a esse respeito. O sistema sócio-econômico em que vivemos, condiciona as pessoas de diferentes formas e meios. Este utiliza, para a sua sobrevivência e manutenção, de muitos recursos e um deles é o de induzir as pessoas a executem à risca o que lhes for sugerido ou incutido. Dentre os aparelhos utilizados para disseminar a ideologia do conformismo está a escola. Ela tem papel fundamental neste processo, ela pode

contribuir para a efetiva ou abstrata construção do cidadão, o que alguns denominam de alienação do sujeito.

Nesta perspectiva para Rosa (2001) a cultura também está diretamente ligada à imagem. Ela sofre influência da cultura. Como exemplo temos determinados sistemas sócio-político-culturais que elegem uma cultura dominante, como sendo a melhor e mais aceita, à qual veiculam suas ideologias para serem disseminadas.

Segundo Freire (1996, p. 21) “A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo.” Esta ideologia influencia a construção de imagens e auto-imagens que determinam o ser e o fazer de muitas pessoas. É necessário que as pessoas se conscientizem de que quando acreditamos em algo esta crença não está desprovida de influências de forças internas e externas que se mobilizam para a sua real efetivação.

Percebemos nas respostas das alunas de pedagogia e do curso normal que a imagem que possuem de si mesmas é otimista, de pessoas que lutam e buscam aprimorar-se e crescer constantemente. Dizem que a profissão docente é muito gratificante e desafiadora e esta imagem precisa ser alimentada ao longo de toda sua trajetória como docentes. Elas acreditam nessa busca e isso é positivo, no entanto precisam ser alertadas que quando entramos na escola, há muitas questões a serem resolvidas, e que nossas ações não podem estar restritas a buscar soluções imediatas ou pragmáticas é preciso atentar para a processualidade da prática educativa.

As professoras vêem que a profissão docente exige muito do ser humano, que é necessário constante busca e aprendizado, que é preciso um envolvimento integral da pessoa. Tardif (2002, p. 142) fala sobre alguns aspectos que são exigidos do professor, o primeiro citado é o “trabalho emocional” que exige um envolvimento afetivo por parte do professor.

Nesse tipo de atividade, a personalidade do trabalhador, suas emoções, sua afetividade fazem parte integrante do processo de trabalho: a própria pessoa com suas qualidades, seus defeitos, sua sensibilidade, em suma, com tudo que ela é, torna-se, de uma certa maneira, um instrumento de trabalho.

Para o mesmo autor (Idem, p. 143), esta profissão exige também um “trabalho mental”, pois envolvem representações saberes e processos cognitivos, “[...] o espírito ou o pensamento do trabalhador torna-se, então, um fator de produção nevrálgico no processo de trabalho.” Suas representações, seus conceitos, o que pensam estará implícito ou explícito em seu trabalho. Outro aspecto ressaltado por Tardif (2002) é o

“trabalho moral”, este trabalho requer ética do profissional, pois o professor se relaciona com pessoas, alunos oriundos de diferentes contextos e a maioria dos alunos possuem muitos problemas, muitas carências.

Muitas imagens são construídas sobre a profissão docente. A carga social jogada sobre o professor é muito árdua, exigimos bastante dele, e esperamos que dê o máximo de si, que possua inúmeras qualidades e nenhum defeito; muitas vezes a sociedade esquece que o professor é um ser humano que “erra”, que “acerta”, que vive conflitos e que está em constante construção. Uma das imagens que temos, muitas vezes, é que o professor sabe tudo infinitamente, se ele sabe não precisa mais aprender, então se “fecha”, não discute, não busca, não pesquisa. A estagnação do professor impossibilita sua construção enquanto ser humano e profissional.

Problemas enfrentados na profissão

Perguntou-se aos professores e alunos sobre os problemas do magistério e cerca de 65% das respostas referem-se às atitudes e características dos professores que estão em sala de aula.

Algumas alunas responderam que vários professores têm vícios, valores e preconceitos que prejudicam seu desempenho. O determinismo e o pessimismo estão impregnados em seu pensar e agir. Freire (1996) quando fala da ideologia fatalista que imobiliza as pessoas deixa claro que ela é o motivo de alguns desses comportamentos. E como podemos perceber esta ideologia está fortemente presente na escola. Vemos também esta presença nas respostas de outras alunas que falaram sobre a acomodação, a resistência à mudança por parte dos professores, pais e alunos. Alguns outros problemas foram citados pelos professores como a falta de estímulos, a baixa auto-estima. Segundo Nóvoa (1992, p. 87), “[...] quando o ser humano confia nos outros para que eles lhe digam o que fazer e como fazer, perde a confiança nas suas próprias capacidades de atuar e de tomar decisões.” No momento em que o professor se deixa condicionar ele perde (ou nem chega a constituir) sua real identidade e passa a ser manipulado pelo sistema.

As representações, uma vez constituídas, são consideradas “verdades” a respeito de algo, bloqueando, muitas vezes, a reconstrução e reflexão sobre estas representações. A dinâmica, da qual fazemos parte enquanto, indivíduos e sociedade concomitantemente, nos coloca diante de novos saberes e situações diversas a cada

instante e é necessário que, por meio de uma constante reflexão crítica, possamos perceber quais representações precisam ser alteradas. Perrenoud (1999, p. 43) diz que a reflexão é um questionamento e que “[...] se esse questionamento não for metódico nem regular, não vai conduzir necessariamente a tomadas de consciência nem a mudanças.”

Problemas como a falta de fundamentação teórica e a ausência de opção de classe, também foram citados e são de extrema importância, pois na medida que o professor se construir baseado em uma boa e ampla fundamentação teórica, ele adquirirá maior clareza sobre o mundo em que está inserido e de como pode agir nele. Desta forma o professor conseguirá fazer sua opção de classe, pois terá objetivos e metas conscientes para alcançar. Freire (1996, p. 110) diz que “[...] enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper.” Fica evidente a importância de que as opções sejam claras e coerentes.

Uma angústia citada pelos professores entrevistados foi a falta de disponibilidade de tempo para atendimento especial aos alunos fora da sala de aula, pois por causa do baixo salário o professor é obrigado, como disse uma professora, a “pipocar” de escola em escola para garantir seu sustento. Gatti (1997, p. 60) evidencia esse problema dizendo que:

[...] a necessidade de completar seu salário com mais aulas, [...], o que lhes retira o tempo em que poderia preparar aulas, analisar e adequar questões curriculares às características de alunos, corrigir e comentar trabalhos, e se auto instruir permanentemente.

Esta triste realidade faz com que os professores vivam num ritmo muito intenso e não proveitoso. A autora acima citada (1997, p. 64) ressalta resumidamente alguns importantes problemas: “Salários aviltantes, desvalorização profissional, imagem social ambígua dos professores, baixa auto-estima e descontinuidade de políticas são fatores de perturbação nos sistemas de ensino, sem nenhuma dúvida.”

A dificuldade do trabalho coletivo é um dos aspectos citados pelos professores. Segundo Perrenoud (2001, p. 57):

Durante muito tempo, a cultura individualista dos professores incitou-os a considerar que seu ambiente começava na porta da sua sala de aula. Todavia a complexidade atual obriga a tratá-los como membros de um grupo com um papel coletivo e a questionar seus hábitos e suas competências no espaço da equipe, do estabelecimento do ensino e da coletividade local, bem como no espaço propriamente pedagógico e didático.

A dificuldade dos professores é devida à cultura instaurada e citada por Perrenoud (2001), contudo como ele mesmo expõe, o professor terá que trabalhar em grupo; coletivamente terá que buscar alternativas para solucionar as dificuldades e agruras da profissão docente.

Formação recebida e ganhos da profissão

Hoje há questionamentos a respeito de se é necessário que o professor deixe de ser amável e carinhoso para tornar-se competente. Só a competência técnica não basta para constituir um bom professor, ela é necessária, mas é um dos elementos fundamentais que devem fazer parte do ser e do fazer do professor.

“Todo ofício é uma arte reinventada e supõe sensibilidade, intuição, escuta, sintonia com a vida, com o humano.” (ARROYO, 2000, p. 47). A arte de educar, como outro ofício, exige que o indivíduo, que a colocará em prática, desenvolva sua sensibilidade, sua escuta, esta deve ser atenta e renovada. Segundo Arroyo (2000, p. 48) “[...] sem paixão e indignação não aprendemos a ser educadores de uma infância e adolescência desumanizadas.” É preciso que o professor tenha uma ampla visão da realidade social, da falta de cultivo dos valores humanos. Ele deve indignar-se com esta situação, e tentar mudá-la; o que o fará transformar esta injusta sociedade é a paixão, paixão pelo ser humano, pela vida. Esses processos farão com que o professor busque continuamente aprender como conduzir, mediar o processo educativo de crianças e jovens desumanizados.

Freire (1995, p. 69) diz que o professor deve:

Não temer os sentimentos, as emoções, os desejos e lidar com o mesmo respeito com que damos a uma prática cognitiva integrada com eles. Estar advertidos e abertos a compreensão das relações entre os fatos, os dados, os objetos na compreensão real.

Por meio das palavras do autor podemos refletir sobre o desenvolvimento e aprendizado do aluno em sua integralidade, pois não é possível dividi-lo e trabalharmos com parte dele. No entanto, o professor tem grandes dificuldades quando tenta desenvolver um projeto, no qual o indivíduo seja respeitado como um todo, pois na maioria das vezes ele também passou por um processo educativo fragmentado.

A formação do professor deve ser permeada pela pluralidade de saberes e de teorias de forma que ocorra o progresso do conhecimento e a evolução principalmente

da ética e do ser humano. É necessário que o professor tenha internalizado valores humanos, pois querendo ou não ele acabará repassando-os para os alunos.

O professor torna-se exemplo, modelo, e os alunos perceberão qualquer falha do professor, ou seja, se o professor tiver apenas um belo discurso e não conseguir colocá-lo em prática, será criticado e os alunos não perceberão que é possível relacionar teoria e prática, pois nem o professor que deveria saber não sabe.

As alunas do magistério falaram que a formação que receberam e estão recebendo é muito boa, pois possibilitou que elas se tornassem pessoas participativas e críticas. Dizem que são bastante desafiadas e aprenderam a buscar soluções para os problemas. Demo (2000, p. 48) nos diz que “[...] o que temos de aprender na e da vida não é propriamente a resolver os problemas, mas a administrá-los com inteligência.” Essa frase nos faz refletir sobre o que é ensinado nas escolas.

Tardif (2002, p. 120) afirma que: “Conhecer bem a matéria que se deve ensinar é apenas uma condição necessária, e não uma condição suficiente, do trabalho pedagógico.” Faz-se necessária uma transformação dessa matéria, possibilitando a aprendizagem dos alunos. A matéria não chega ao aluno como se ele tomasse um livro e lesse, ela é explorada, ou socializada por meio de relações humanas, esse é o diferencial da sala de aula. A aprendizagem se dá em grupo por meio da interação e da discussão, e concomitante é construída em cada um de forma individual e a partir de suas representações pessoais, seus sentidos e significados, ou seja, a partir de como cada um vê o mundo e o interpreta.

As alunas da pedagogia responderam que a formação é bastante voltada para a realidade, o que possibilita que elas tenham outra visão do mundo. Segundo Freitas (1998, p. 93):

O pensamento progressista já examinou esta contradição e demonstrou como o capital escamoteia a formação do trabalhador, na medida que educá-lo é permitir que se torne cidadão consciente das contradições do próprio sistema capitalista.

Podemos perceber que não é intenção da sociedade capitalista formar cidadãos críticos. A escola, enquanto reprodutora da sociedade, propaga valores e conceitos que a sociedade necessita para sua manutenção. Demo (2000, p. 116) nos traz um importante desafio, “[...] será necessário reconhecer que o sentido do conhecimento não pode ser o mercado, a pressa, a inovação, mas o bem comum.”

Algumas professoras foram questionadas sobre os ganhos da profissão docente. A professora B diz que ganhou muitos amigos; a professora A ressaltou que a profissão propicia o avanço da maturidade, assim como a constante reflexão e análise da prática. A professora C respondeu que “[...] na conjuntura atual a gente tem muito mais perdas do que ganhos.” A professora E considera como maior ganho o reconhecimento dos alunos, perceber que eles utilizam o que aprenderam com ela.

A professora D disse que “[...] o maior ganho é o seguinte [...] quando você percebe que aquele aluno começou a descobrir o mundo, começou a fazer a leitura do mundo, se deu conta de alguma coisa diferente [...].” Outro ganho para ela é a necessidade de organizar suas experiências e seus saberes para poder socializá-los.

Arroyo (2000, p. 149) resalta importantes ganhos do professor, diz que “[...] aprendemos a sentir, a brincar, a rir de novo [...] o prazer de criar, de emocionar-se com a docência, também é um direito de todo artífice, de todo mestre. Um direito de ofício.”

A profissão docente traz um aprendizado muito grande. Freire (1996, p.25) diz que: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” O ensinar e o aprender quando acontecem de forma concomitante geram um grande ganho para o professor e para o aluno. Outro aspecto que Freire (1996, p. 120) resalta é que: “A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.” Esta autonomia é um ganho que vamos incorporando no decurso da profissão.

Nóvoa (1992, p.167) nos diz que os “[...] anos mais gratificantes da carreira revelam-se determinados, de modo particular, por uma atitude positiva do professor face ao sistema educativo, em geral, e ao processo de ensino-aprendizagem, em particular.”

Várias professoras disseram que cresceram pessoal e intelectualmente, em função da constante busca que esta profissão exige. É importante percebermos

[...] a idéia de que é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, o aprendizado da profissão a partir de seu exercício possibilita configurar como vai sendo constituído o processo de aprender a ensinar. Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente. (GUARNIERI, 2000, p. 5).

Outro fator positivo citado foi a melhora no que se refere ao relacionamento entre pessoas. A experiência é algo que sem dúvida vai contribuindo cada vez mais com a melhoria da prática e da teoria do professor.

Relação com a comunidade

Uma das questões que norteou as entrevistas dizia respeito a postura, ou como o professor deve agir na escola e na sociedade. Um número significativo dos docentes responde que o professor é um exemplo, educa muito mais pelas suas atitudes do que pelo que diz. Disseram também que ele deve ter uma postura crítica e coerente em todas as situações, na escola, na sociedade, buscando orientar e colaborar com o grupo no qual está inserido. A professora E disse que “[...] as pessoas seguem muito mais os exemplos do que as palavras”. No entanto não podemos deixar de perceber que enquanto ser humano, não há perfeição e que podemos transmitir exemplos que nem sempre são positivos e que devem ser seguidos. Mas, no caso em curso, o que a professora quer fazer referência é que o professor eduque pela exemplaridade ética, pela postura, por transmitir princípios éticos.

A professora D respondeu que a postura do professor tem que ser de humildade, de busca, de pesquisa, de diálogo, de firmeza “[...] no meu ponto de vista a rigidez e a firmeza não oprimem, muito pelo contrário, libertam [...] Makarenko que diz assim, exigir ao máximo, respeitando ao máximo”. Paulo Freire (1995, p.55) ressalta a importância da humildade no professor e diz que “[...] a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros.” Essa humildade possibilita que haja diálogo, pois quem se considera superior não consegue escutar os outros. O agir com humildade é próprio de quem respeita o outro e deseja que ele também assuma a condição de sujeito, pois o reconhece num plano de igualdade, de reciprocidade e de respeito à sua condição.

Também a professora D destaca a importância do posicionamento político, diz: “[...] professor tem que se posicionar, até num sentido de incitar no outro a busca de um posicionamento [...] cada um tem que construir as suas opções [...]” Freire (1995, p. 58) escreve sobre a postura política e necessidade de posicionamento do professor:

Na medida em que eu tenho mais e mais clareza a respeito de minha opção, de meus sonhos, que são substantivamente político e adjetivamente pedagógico na medida em que reconheço que, enquanto educador, sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo e percebo o quanto temos de caminhar para melhorar nossa democracia.

Para posicionar-se o professor necessita alterar sua visão do mundo, pois assumirmos uma posição demanda que saibamos o que queremos e façamos opções

diante de possíveis alternativas. Supõe consciência dos objetivos que desejamos atingir e como atingi-los. Arroyo (2000, p. 204) diz que “[...] em todos os congressos e conferências têm se dedicado grande parte da programação a abrir a visão do professor, a fazer uma análise sócio-econômica e política da realidade, da conjuntura, da lógica do capital, da ideologia neoliberal, da reestruturação produtiva.” É essencial que o professor seja um sujeito bem situado, tenha uma ampla e consciente visão do mundo, que o possibilite posicionar-se de forma consistente e segura. Temos buscado e hoje continuamos buscando politizar os professores, porém devido à forte influência dos valores e idéias impostas pelo sistema vigente, essa tarefa torna-se difícil. Contudo, apesar das dificuldades, é necessário e possível realizá-la.

É imprescindível que o professor tenha compromisso político, ou seja, ele deve saber que tipo de homem e sociedade quer construir, saber por quê e para quê escolheu este caminho; aliado a esta deve ter também competência técnica, ou seja, saber fazer de seu processo educativo uma tarefa exitosa, alcançando assim seus objetivos. Compromisso político e competência técnica devem andar sempre juntos, só assim obteremos avanços no processo educativo. Freire (2000, p. 45) fala que

[...] ao sublimar a importância fundamental da ciência, a educadora progressista deve enfatizar também aos meninos e meninas pobres como aos ricos o dever que temos de permanentemente nos indagar em torno de a favor de que e de quem fazemos ciência.

O acesso ao conhecimento é um direito de todos os seres humanos. A posse do conhecimento científico tem, em distintas épocas, alienado o ser humano e tem-no distanciado da realidade cotidiana, conduzindo-o a uma domesticação e desumanização, fato este também observado na escola, que se apresenta com currículos estranhos e indiferentes ao que o aluno necessita. É preciso que a escola permita e oportunize um despertar, um reconhecer-se do homem como ser humano, por meio dos conhecimentos e conteúdos nela vivenciados. Isto nos remete à discussão do que realmente é importante que a escola ensine ou em que perspectiva eduque.

Tardif (2002, p. 132) apresenta alguns conceitos sobre o que é ensinar, o que esse processo exige.

Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem, de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos.

Nessas citações o autor (Idem, p. 167) ressalta a interação necessária no processo de ensino aprendizagem. “Ensinar é entrar numa sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações.”

As relações são muito importantes para que o ensino ocorra. Tardif (2002, p. 132) fala que: “Dado que os professores trabalham com seres humanos, a sua relação com o seu objeto de trabalho é fundamentalmente constituída de relações sociais.” Dependendo da relação que o aluno estabelece com o professor o aprendizado será mais significativo, ou menos. As relações e interações com os colegas também são determinantes para o êxito do processo pedagógico.

Considerações finais

Há algumas idéias que demandam serem retomadas como idéias “conclusivas”. A escolha do magistério ou a busca da profissão de professor se faz inicialmente sob a influência da família e do contexto econômico e cultural onde os sujeitos estão inseridos. Aos poucos os professores vão se re-construindo e re-elaborando a partir das vivências e experiências da prática pedagógica; concomitante ao fazer-nos como professores vamos construindo-nos como seres humanos.

Embora o conceito “vocação” esteja empedernido em nossa cultura, podemos perceber que socialmente e teoricamente começamos a sentir a necessidade de nos vermos como profissão, para coletivamente obtermos conquistas e ganhos enquanto categoria que desenvolve uma profissão, tem um “estatuto” definido e defende um campo de atuação.

Como educadores somos herdeiros de muitas dificuldades e problemas. Estejam relacionados com a dificuldade de lidar com os alunos ou com os baixos salários, não podemos negar é que têm nos instigado a pensarmos em formas diferentes de exercermos a docência e buscarmos práticas alternativas. Os percalços encontrados desafiam professores e alunos a, por meio da formação teórica-prática, buscarem saídas, sem deixarem-se abater. Em que pesem os obstáculos há quase uma unanimidade sobre a profissão docente trazer ganhos e oportunizar o desenvolvimento e crescimento como seres humanos que convivem e se relacionam com seus semelhantes.

Enfim, as pessoas nascem, se desenvolvem e vão elaborando imagens e representações sobre os mais diferentes fatos, acontecimentos e perspectivas. A profissão docente tem se tornado um *locus* privilegiado para construir e transmitir diferentes imagens e representações que têm sido responsáveis por alimentar individual e socialmente um jeito de ver e de ser professor. Porém não podemos nos contentar-nos com nossas construções imagéticas. Como seres capazes de rever princípios e que possuem uma dinâmica capaz de um permanente re-construir, aproveitemos as oportunidades que temos, diariamente, para fazermos uma reflexão sobre as imagens e representações que herdamos e carregamos conosco sobre o estar sendo professores, pois elas não são definitivas, nem eternas, mas passíveis de mudança.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e a sua prática**. Campinas: Papirus, 2001.
- DICIONÁRIO de sociologia**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- FERREIRA, Aurélio **Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI: o mini-dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia de Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____ **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____ **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREITAS, Luis Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- GATTI, Bernardete A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas/SP: Autores Associados, 1997.
- GUARNIERI, Maria Regina (org.). **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. Campinas/SP: Autores Associados, 2000.
- KULLOK, Maisa G. B. **As exigências da formação do professor na atualidade**. Maceió: EDUFAL, COMPED, INEP, 2000.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

NÓVOA, A (org). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992.

OLIVEIRA, Valeska F. de (org). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

ROSA, Mário. **A síndrome de Aquiles**. São Paulo: Gente, 2001.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. III Volume. São Paulo: Matese, 1966.

SANTOS, Ieda Müller dos; BRITTO, Therezinha. **O desenvolvimento da auto-imagem do aluno**. Porto Alegre: Corag, 1985.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. São Paulo: Ática, 1996.